

O MISTERIOSO CASO DA ESCRITORA DESAPARECIDA

E se a sua autora de policiais favorita
desaparecesse sem deixar rasto?



RAGNAR JÓNSSON

5 milhões de livros vendidos em 36 países



Katrín Guðjónsdóttir

(1950–2023)

Em memória da minha querida mãe

Devo um agradecimento especial a Jónas Ragnarsson e a Hulda María Stefánsdóttir pela leitura do manuscrito, e ao doutor John Curran pelas sugestões para a lista de romances policiais da época de ouro de Helgi Reykdal.

Lista de Livros da Época de Ouro de Helgi Reykdal

Agatha Christie (1890–1976): *Perigo na Casa do Fundo* (1932)¹

S. S. Van Dine (1888–1939): *O Crime do Dragão* (1933)

Anthony Berkeley (1893–1971): *Cicely Disappears*
(*The Wintringham Mystery*) (1927)

John Dickson Carr [Carter Dickson] (1906–1977):
Repouso Mortal (1949)

Josephine Tey (1896–1952): *Brat Farrar* (1949)

¹ Título da tradução mais recente pelas Edições Asa. A obra teve outra tradução em português, com o título de *A Diabólica Casa Isolada*, pela editora Livros do Brasil, em 1950. [N. da T.]

Jornal *Morgunbladid*, 15 de outubro de 2002

Dia de Lançamento do Décimo — e Último — Livro de Elín

É publicado hoje *O Prazo*, o último romance da escritora recordista de vendas, Elín S. Jónsdóttir. Este é o décimo livro de Elín e, conforme revela a autora, o seu último. «Dez livros em vinte anos é mais do que suficiente», declarou Elín na breve conversa que manteve com o *Morgunbladid*. «De agora em diante vou dedicar-me à leitura.» A escritora, que completou 60 anos no início deste ano, publicou o seu primeiro livro em 1984. A obra em questão, *Calma Branca*, foi adicionada recentemente à lista de melhores romances policiais do século xx publicada pelo jornal norueguês *Aftenposten*. Elín tem vindo a ser aclamada como pioneira na literatura policial islandesa. Os seus livros foram amplamente premiados e vendidos milhões de exemplares por todo o mundo. Há três anos foi anunciado o projeto de uma série televisiva baseada nos seus romances, numa coprodução entre a Alemanha e o Reino Unido. As filmagens daquela que se perspectiva ser a série mais onerosa adaptada de uma obra de ficção islandesa até hoje já estão avançadas, e os primeiros episódios baseados em *Calma Branca* devem ser exibidos no próximo ano. Segundo Rut Thoroddsen, a editora de Elín na Islândia, os direitos sobre o novo romance, *O Prazo*, já foram vendidos a duas dezenas de países.

2005

[silvo]

Sinto-me mais feliz naquela fronteira vaga entre a luz do dia e as sombras; é aí que vou à procura de histórias para contar, mais especificamente, de histórias sobre crimes. Habituei-me a ler toda a espécie de livros antes de começar a escrever, e pude constatar que aqueles que despertavam genuinamente a minha atenção, que exerciam sobre mim a mais indelével das impressões, se relacionavam com a justiça e o castigo. A maior parte dos romances assenta neste tema, de uma forma ou de outra; o crime é a força motriz da narrativa, mesmo que aquilo que lemos ao longo do processo nada tenha que ver com ele. Julgo que teria cerca de 30 anos quando comecei a desbravar de forma sistemática o mundo da ficção policial, começando por Agatha Christie, Dorothy L. Sayers e outros escritores clássicos das décadas de 1920 e 1930, após o que me foquei na equipa Sjöwall e Wahlöö, o casal sueco cuja obra era imensamente popular na altura, na década de 1970, e depois em tudo o que encontrava nas estantes de amigos e familiares.

Que gênero de obras lê atualmente?

Sou uma leitora insaciável. Sempre que disponho de tempo livre, pego num livro. Isso incentiva-me a seguir em frente, a manter o espírito jovem. É para isso que os livros servem: eles ajudam-nos a viajar para sítios que não poderíamos visitar de outra forma, a percorrer mundos que não existem. No Natal, tudo o que espero da parte dos meus amigos são livros; nada é mais fascinante do que abrir um embrulho contendo um volume que ainda não lemos ou sequer sabíamos que existia. Para mim, o Natal é basicamente um bom livro, e o mesmo posso dizer em relação às férias — elas são apenas uma desculpa para eu me entregar à minha paixão pela leitura num ambiente novo.

O que lhe dá mais prazer, Elín, escrever livros ou lê-los?

[pausa]

Essa é uma pergunta excelente. Não me recordo de alguma vez ma terem feito. Embora nunca me sinta tão viva como quando escrevo, sou a primeira a reconhecer que ler é mais fácil. Menos exigente, mais relaxante, e é assim que deveria ser, naturalmente. No entanto, eu nunca encarei a escrita como um trabalho; ela é demasiado gratificante para isso. Uma página em branco é como um desafio que me sinto compelida a aceitar. É claro que comecei a escrever muito antes de o meu primeiro livro ser publicado, mas trata-se de algo que fica na gaveta e jamais verá a luz do dia. É apenas para mim. E ainda escrevo para mim própria, para meu próprio deleite.

Por falar nisso, a Elín parou depois de dez romances policiais em...

Dez romances sobre crimes, precisamente.

Dez romances sobre crimes em quase vinte anos. Um livro a cada dois anos, com a regularidade de um relógio.

De um relógio? Não sei se essa é uma boa analogia. O ritmo de um relógio é muito mais rápido que o meu.

Mas depois optou por parar?

Sim, já era o suficiente. A série estava completa e eu sentia-me satisfeita com o desfecho.

Nunca pensou em escrever mais um livro, ou até dois? Só para tirar partido do *momentum*, para aproveitar a onda de popularidade?

Nunca. Não vou dizer que era algo que estava planeado desde o início, desde o meu primeiro livro, mas a seguir ao segundo ou terceiro comecei a calcular a idade que teria no final de dez — seria vinte anos mais velha — e essa pareceu-me uma boa altura para parar. Depois, a série começou a assumir uma forma global. Na verdade, eu deveria estar agradecida por me ser dada a oportunidade de a terminar.

Tenho a informação de que escreve os seus livros à mão ou que, pelo menos, costumava fazê-lo nos anos iniciais.

Exatamente, até ao último. Foi assim que me ensinaram a escrever quando era nova, a escrever histórias, empunhando fisicamente uma caneta. Costumava fazê-lo por pura diversão. Continuo a sentar-me a esta secretária, nesta velha cadeira muito usada, e a escrever à mão. Deve ter reparado que o computador se encontra atrás de mim e não na própria secretária. É assim que deve ser. Ele apenas se devia utilizar como um apoio. Para mim, o computador não passa de um instrumento de referência.

Tinha mais de 40 anos quando surgiu o seu primeiro romance, em 1984, sem que antes tivesse publicado algum trabalho,

nem mesmo um conto num jornal ou revista. A sua publicação foi uma surpresa para toda a gente. É pouco comum começar a escrever tão tarde, não acha?

Pode ser que seja incomum, tenho de o reconhecer, porém, eu penso que por vezes é preciso ter um grau de maturidade antes de se dar um passo dessa dimensão. É que publicar um livro não é nenhuma brincadeira, como deve saber. Não tanto pela escrita, mas antes pelo facto de ter de partilhar pensamentos com quem se interessa por lê-los, o que é a parte mais difícil, mesmo que falemos de ficção. Afinal, existe sempre uma semente de verdade em qualquer romance. A propósito, e já que coloca a questão da idade, P. D. James começou a escrever os seus romances relativamente tarde, quando estava na casa dos 40 anos, continua a fazê-lo, e só melhora com o passar dos anos. Seja como for, escrever deixa-me feliz. Sabe bem criar alguma coisa. Para mim, o prazer reside no ato físico da escrita, na inscrição do texto no papel — no sentido literal, como lhe referi. Por outro lado, nada é mais tedioso que termos de reler o nosso trabalho. Cada correção faz com que alguma coisa morra no nosso íntimo — como se perdêssemos um pouco de nós de cada vez. Em simultâneo, o tempo vai-se escoando na ampulheta e nós vemos a nossa alma ali refletida; vemo-la desaparecer gradualmente. Apenas nessa altura compreendemos plenamente o significado do tempo perdido.

[pausa]

Foi uma viagem agradável?

Ainda não acabou. Mantenho-me em plena forma, mesmo que não escreva mais livros. Continuo a adorar toda a movimentação em torno disto, adoro falar com as pessoas acerca dos meus livros e trocar impressões com os meus leitores, tanto na Islândia como no estrangeiro. Embora viaje com menos frequência do que

o habitual, ainda faço algumas deslocções ocasionais. É uma sensação maravilhosa ter tocado um número tão grande de leitores, e incentivar, inclusive alguém que não costumava ler, a escolher um livro. Levá-lo a abraçar a magia da literatura.

Sjöwall e Wahlöo também escreveram precisamente dez livros. Inspirou-se neles para a sua decisão?

Bom, essa pergunta não é tão original como a de há pouco. Ela já me foi feita diversas vezes. Ainda que Sjöwall e Wahlöo não tivessem direitos de exclusividade sobre esse número, é provável que a ideia estivesse no meu inconsciente. À semelhança de tantos outros bons autores, eles ensinaram-me a escrever sobre o crime embora, pessoalmente, me pareça que tenho mais em comum com Christie e Sayers.

Tem vivido sozinha nos anos mais recentes, não é verdade? Ou até na maior parte da sua vida. Trata-se de uma existência solitária ou os livros fazem-lhe companhia?

[pausa]

Se não se importa, prefiro não entrar por aí. Tenho sido bastante reservada no que toca à minha vida pessoal, como sabe. De momento, vamos circunscrever-nos aos livros.

[pausa]

Ao olhar para trás, existe alguma coisa de que se arrependa?

Sugiro que façamos uma breve pausa para já. Podemos continuar a seguir.

[silvo]

QUINTA-FEIRA

2012

Quinta-feira, 1 de novembro

Este era o lugar feliz de Helgi Reykdal.

A cadeira gasta, mas confortável, ao canto, de onde ele conseguia inalar literalmente o aroma perfumado dos livros antigos. Volumes de capa dura, livros de bolso, revestiam as paredes ou amontoavam-se em pilhas no chão e na maior parte das outras superfícies da loja. Havia livros em toda a parte, e a manter-se a atual situação, com mais a chegar do que a sair, não tardaria muito até os corredores se encherem, fazendo com que qualquer cliente fosse um mero empecilho, mal conseguindo mover-se entre as pilhas. Na realidade, era lícito dizer-se que os livros tinham assumido há muito a primazia sobre a loja, a qual parecia ter adquirido vida própria, à revelia dos proprietários, empregados ou clientes. Amontoados de livros em prol dos próprios livros, e não da probabilidade de virem a ser vendidos.

O ar adensava-se de pó, porém, isso não afetava Helgi, que olhava para a desordem como algo encantador e não opressivo. A loja estava fechada, ele encontrava-se ali sozinho e o único sinal que apontava para o século XXI no exterior era o telemóvel pousado sobre uma pilha de livros ao seu lado.

Mais ou menos na altura em que se separara de Bergthóra, a namorada de longa data, Helgi descobrira que a mulher que

tinha comprado a loja de livros em segunda mão da família, na pequena cidade setentrional de Akureyri, se debatia com falta de fundos e não conseguiria fazer o pagamento final.

Parecia que tudo teimava em acontecer ao mesmo tempo, contudo, em lugar de se deixar abater por isso, Helgi tentou encarar a questão numa perspectiva positiva. A sua separação era algo bom, sob qualquer ponto de vista. Ele e Bergthóra não tinham filhos e a relação entre os dois já se havia esgotado há bastante tempo. A gota de água dera-se no momento em que, num acesso de fúria alcoólica, ela o atacara com uma garrafa de vinho, desferindo-lhe um golpe tão violento na cabeça que Helgi desmaiara.

Depois, havia a loja. O pai dele tinha passado longas horas sentado naquela mesma cadeira a folhear os livros, com Helgi aos seus pés, primeiro uma criança, mais tarde um adolescente, a ser iniciado na magia das histórias. Eram inúmeras as memórias que ele tinha daquela pequena loja, a qual significava mais para ele que praticamente qualquer outro lugar do mundo. Infortunadamente, eram poucos os que apreciavam os tesouros ali contidos. Vender aquele sítio a seguir à morte do pai de Helgi fora uma tarefa insana, e agora, como proprietário maioritário, Helgi via-se de novo rodeado pelas suas recordações. A mulher de meia-idade que tentara comprar o estabelecimento continuava a deter uma pequena parte. Os dois tinham acordado que ela iria continuar ali, mantendo a loja aberta diariamente, em troca de uma percentagem das vendas dos livros, se bem que estas tendessem a ser modestas, na melhor das hipóteses.

Uma vez que o destino havia determinado que a livraria regressasse novamente à posse da família de Helgi, este não tencionava vendê-la outra vez. Alguns dos seus colegas sonhavam em gozar a reforma num local ensolarado, abrindo eventualmente um pequeno bar ou uma unidade turística para alojamento e pequeno-almoço, contudo, ele imaginava-se a passar ali os seus últimos anos. Atrás do balcão, tal com o seu pai já desaparecido, a vender

livros a clientes invisíveis. O segredo residia em encará-lo como uma vocação ao invés de um trabalho.

Mas tudo isso estava reservado ao futuro. Por agora, Helgi dispunha da loja só para si. Tinha encontrado por acaso o exemplar raro de uma antiga tradução de *Perigo na Casa do Fundo*, de Agatha Christie, e instalara-se ali a lê-la, embora, de facto, estivesse menos concentrado no enredo do que a desfrutar do ambiente. Uma paz perfeita, os livros em seu redor, e apenas uma semana de sobra do que acabara por se transformar numa espécie de férias de inverno. Tinha viajado até ao Norte para estar junto da mãe, que tivera alta do hospital recentemente. E ainda que Helgi não perdesse o tempo a pensar em Bergthóra naqueles dias e houvesse deixado há muito de responder às mensagens dela, ele não negava que fora bom sair de Reiquiavique por uns dias. Dizer que Bergthóra não havia encarado bem a rutura entre os dois era um eufemismo; ela recusara-se a aceitá-la durante algum tempo. Pelo menos ali, em Akureyri, as hipóteses de dar de caras com ela eram menores.

Helgi vira-se forçado a afastar-se e a empreender uma nova fase, tendo iniciado, algo hesitantemente, uma nova relação. A rapariga chamava-se Aníta. Os dois tinham tido um contacto breve logo a seguir ao ingresso de Helgi na polícia. Aníta trabalhava na Direção da Saúde e dera-lhe uma ajuda na investigação às mortes no velho sanatório nos arredores de Akureyri. Semanas mais tarde, ela telefonara-lhe a perguntar como tinha corrido o caso e eles tinham-se encontrado para tomar um café. Na altura, Helgi já tinha informado Bergthóra que não havia um futuro em conjunto para os dois, conquanto ainda demorasse mais algum tempo a encerrar aquele capítulo da sua vida.

Neste momento, iniciava-se o capítulo seguinte. Helgi e Aníta estavam juntos há três meses, mas ele ainda não a tinha apresentado à mãe. Ambos queriam levar as coisas com calma. Aníta ficara em Reiquiavique a trabalhar, apesar de terem abordado a possibilidade de ela vir com ele para o Norte, para passarem o Natal em Akureyri.

Nessa altura, os devaneios de Helgi foram interrompidos pelo toque do telefone. Tinha-se esquecido de o deixar em silêncio enquanto lia. Quando não estava ao serviço, ele considerava que, em regra, a maioria das coisas podia esperar.

Desanimado, percebeu que a chamada provinha do seu chefe no Departamento de Investigação Criminal (DIC) de Reiquiavique.

Helgi pousou o seu Agatha Christie tão delicadamente como se fosse um tesouro frágil e inspirou fundo antes de atender.

— Helgi, fala Magnús. Como está? — A saudação era bastante amigável, mas havia ali um tom subjacente que não lhe agradou inteiramente.

— Tudo bem, obrigado. Ainda estou no Norte.

— Pois, certo. E como vai a sua mãe? Está a melhorar?

— Tudo indica que sim. — A mãe de Helgi, que passava por uma fase de reabilitação em sequência a uma intervenção cirúrgica, estava a fazer progressos lentos, mas consistentes.

— Tive alguma relutância em incomodá-lo na sua pausa, mas ocorreu-me que podia apreciar... como posso dizê-lo?... a oportunidade de participar num caso.

Helgi revirou os olhos e levantou-se. O encantamento fora quebrado. Independentemente do que Magnús tinha em mente, ele desconfiava que o que estava em causa era regressar a Reiquiavique mais depressa do que esperara.

— Diga — retorquiu com alguma brusquidão. Afinal, nem sempre era fácil disfarçar aquilo que sentia.

— O facto é que, sabendo que o Helgi é um grande entusiasta da literatura policial... — disse Magnús, certamente numa espécie de introito ao assunto concreto.

— É verdade — replicou Helgi, com plena consciência de que a sua paixão era alvo de gracejos dos colegas de vez em quando. Andava sempre acompanhado de um livro e dedicava o tempo livre na esquadra a ler em vez de confraternizar com os outros na sala do café.

Ele passou os olhos pelo espaço em redor. As prateleiras vergavam sob o peso da sua carga tentadora e sobreveio-lhe a vontade avassaladora de desligar a chamada ao chefe.

— Bom, o que se passa é que estamos a braços com o desaparecimento de uma escritora.

— Perdão?

— Autora de romances policiais, ainda por cima. Algo mesmo à sua medida, foi o que eu pensei.

De início, Helgi achou que tinha ouvido mal, após o que perguntou a si próprio se Magnús estaria a gozar com ele por alguma razão desconhecida.

— Quem é que desapareceu? Não estou a acompanhá-lo.

— A Elín S. Jónsdóttir. Deve saber quem é.

— Claro que sim. — Não era exagero afirmar que praticamente qualquer pessoa que lesse livros a conhecia. A obra dela, do primeiro ao décimo romance, tivera vendas colossais nos últimos trinta anos. Elín começara a publicar romances policiais na Islândia muito antes de o género se tornar um protagonista incontornável nas vendas de livros no país por altura do Natal, vindo progressivamente a construir um público-leitor até os seus livros se tornarem campeões de vendas instantâneos no momento em que eram publicados, ano sim, ano não. E o seu êxito a nível internacional não era menor. Então a escritora deixara de escrever, subitamente, explicando que a série estava completa e que «não tinha mais nada a dizer», conforme Helgi se lembrava de a ver referir numa entrevista. Ele lera todos os romances dela, naturalmente. Nesse momento, haveria certamente exemplares nas prateleiras à sua volta.

— Ela desapareceu literalmente? — inquiriu.

— Sem deixar rasto, acho que o posso dizer com segurança. Foi a editora que nos contactou. Há dias que ninguém sabe dela e também não se encontra em casa.

A imaginação de Helgi levantou voo instantaneamente. Apesar de não conhecer Elín pessoalmente, nem nunca se ter cruzado

com ela, o caso despertava o seu interesse de tal maneira que ele estava até disposto a encurtar as férias e a regressar a Reiquiavique. Para ser sincero, era a relação com a literatura que o movia, o facto curioso de uma escritora de policiais passar a ser o objeto de uma investigação criminal.

Além do mais, Helgi tinha de admitir a si próprio que a possibilidade de integrar, ou quiçá chefiar, uma investigação que seria altamente mediatizada o deixava secretamente radiante. Os casos de pessoas desaparecidas não suscitavam grandes atenções na Islândia; na sua maior parte, tratava-se de dramas pessoais sem contornos públicos interessantes, e os jornalistas tendiam a explorar minimamente o assunto. No entanto, e independentemente do que lhe estaria subjacente, era impossível este facto passar despercebido.

— Isso é inacreditável — observou Helgi. — Terrível. Existem pistas para o que possa ter ocorrido?

— É tudo muito recente; a notificação acaba de chegar à minha secretária. Felizmente, a comunicação social não suspeita de nada até ao momento, e tenho de atribuir o caso...

A oferta pairava no ar.

— Eu fico com ele — disse Helgi resolutamente. — Posso regressar à capital hoje e encontrar-me consigo no final do dia. — Estava a transbordar de entusiasmo. Era assim que tudo fazia sentido: ter a oportunidade de lidar com casos complicados, sob pressão, e sair vitorioso.

— Fico contente por ouvir isso. Por que não vem de avião? Pode ir buscar o carro mais tarde. Não podemos arriscar-nos a deixar que o rasto desapareça, Helgi.

Ele ponderou naquilo uns momentos, acabando por concluir que Magnús tinha razão. Pelo menos, aquela era uma boa desculpa para ele regressar ao Norte de avião quando viesse buscar o carro, e fazer em simultâneo uma visita à sua mãe. Havia sempre a possibilidade de pedir emprestado um veículo da polícia enquanto estivesse na cidade.

A mãe ia compreender.

— Está bem, encontro-me consigo esta tarde.

— Assim é que é falar, Helgi. Não creio que vá acontecer alguma coisa nas próximas duas horas, mas, depois disso, a bola fica do seu lado. Mas repare, tanto quanto nós sabemos, há sempre a eventualidade de ela reaparecer de repente à hora de almoço, regressando de umas férias ou de algo parecido. Se isso não acontecer, há que envidar todos os esforços e estarmos preparados com algumas respostas, a mostrar que levamos o caso a sério. Acho que devíamos dispor de algum tempo para resolver o caso antes de emitir um comunicado de imprensa. Vamos sofrer uma grande pressão por parte do público. Mas você consegue lidar bem com isso.

Helgi teve a sensação desagradável de que aquela era a razão do telefonema: Magnús queria um bode expiatório para arcar com as consequências se a escritora não aparecesse em breve. Embora fosse óbvio que seria Magnús a receber os louros se o mistério se resolvesse rapidamente e com sucesso.

— Mas não se preocupe, porque eu deposito toda a confiança em si — acrescentou Magnús, naquele seu tom untuoso. — De qualquer maneira, isto pode ser um alarme falso. Talvez... hã... talvez ela se tenha perdido num dos seus próprios livros.

2005

[silvo]

À medida que os anos passam e vamos envelhecendo, tendemos a ficar mais absorvidos pelos nossos pensamentos. Esse é o meu caso, pelo menos. Refletir sobre o que poderia ter mudado causa alguma ansiedade. Poderia eu ter vivido a vida de forma diferente? No seu caso, sendo mais jovem, é provável que ainda não tenha pensado nisso...

Sim, já pensei. Dispomos de uma vida apenas, pelo que a devemos viver bem.

Exato, eu própria não o diria melhor. Uma vida, portanto...

[pausa]

Gostaria de parar por momentos? Quer que desligue o gravador?

Não, não é realmente necessário. Perdoe-me esta hesitação. Poderá editá-la como achar mais conveniente. Deixando-me bem vista.

Com certeza. Seja como for, eu não queria interrompê-la. Não queria cortar-lhe o raciocínio...

[pausa]

O tempo, ah sim, era sobre isso que eu falava. Viver bem a vida, foi o que disse, contudo, há alturas em que temos de romper com a rotina, correr alguns riscos ao longo do caminho, fazer algo com que não contávamos. Apostar em desafios. Compreende?

Sim.

Dar ouvidos ao coração. Isso é essencial. Muitas vezes, não sabemos sequer aquilo que o coração nos diz. As mensagens são confusas, enganadoras, a estrada é tortuosa, o caminho nunca é retilíneo, e tudo isso é aceitável. O certo e o errado dependem da perspetiva de cada um. Em alguns casos, a linha está perfeitamente definida, mas podemos falar sobre isso no final. Ah, quer que encha de novo a sua caneca?

Obrigada, está bem assim. Para lhe dizer a verdade, sou mais simpaticante de chá.

Ah, meu Deus, devia ter-me dito. Vou pôr a chaleira ao lume num instante.

Deu ouvidos ao seu coração, Elín, quando desistiu da sua carreira de professora, elegendo antes a escrita como um modo de vida?

Jamais encarei a escrita como «um modo de vida». Escrevo por prazer; faço-o para meu gosto pessoal. Trata-se de um jogo, uma paixão, não um emprego.

[pausa]

E digo-lhe mais. Passei a minha infância no extremo ocidental de Reiquiavique, no último andar de um prédio, e o meu quarto tinha uma trapeira. Era quase um conto de fadas: a princesa na torre do seu grande castelo, mesmo que, na realidade, os meus pais apenas possuísem o nosso pequeno apartamento no sótão. Costumava sentar-me à noite — julgo que teria uns 10 anos — a contemplar Reiquiavique, uma realidade completamente diferente da de hoje, é claro: sem o Cinema da Universidade, sem a Biblioteca Nacional, apenas uma terra encantada por conquistar na imaginação fértil de uma criança. Foi aí que a escritora, Elín S. Jónsdóttir, teve a sua génese. Não altura, ignorava-o, mas agora já consigo vê-lo, tantos anos depois. É dessa forma que nós nos começamos a construir como pessoas. Somos modelados pelo que nos rodeia, pelas nossas memórias, pelo número infinito de decisões que tomamos dia após dia. Resolvi, por exemplo, dirigir-lhe o convite para me entrevistar e quem sabe aonde isso vai levar?

Bom, isso vai levar... a entrevista irá acabar nos jornais, obviamente. Ainda terei de decidir em qual, mas tenho a certeza de que todos irão bater-se para a obter. Uma longa entrevista com a escritora mais popular do país. Não vai ser difícil encontrar a publicação que melhor se ajusta.

Certo. Quando chegar a altura.

Hã, exatamente. Hum, o que quer dizer?

Consegue imaginá-la?

Perdão, a quem?

À princesinha, na sua janela do sótão. Ela espraia o olhar pela vastidão da cidade, brincando ao faz-de-conta, inventando histórias de princesinhas e príncipezinhos que se apaixonam, embora nem sempre estejam destinados a ficar juntos. As histórias são assim no começo — românticas, dramáticas — até se tornarem,

gradualmente, um pouco mais sombrias: histórias sobre a fragilidade moral, o perigo inerente aos seres humanos, histórias de crimes, por outras palavras. Consegue imaginá-la ali? Com o passar do tempo, ela sai do seu castelo, vai para a escola, encontra a sua gente. Podemos não conseguir escolher a família, mas, pelo menos, é-nos dada a possibilidade de escolher os amigos. Mais tarde, ela vai para a universidade, com o objetivo de cursar leis porque o tio dela era um advogado venerado por toda a gente; ele vivia numa bonita casa com um grande jardim. Ela queria ser como o tio. Mas não estava predestinado que assim acontecesse. Às vezes, temos sonhos que permanecem inalcançáveis para sempre — a vida é assim, afinal. O importante é termos esses sonhos. Para os pormos à prova.

[pausa]

Foi nessa altura que se inscreveu no curso de formação de professores?

Não imediatamente. Antes disso, estive a dar aulas numa escola de província; fiz uma breve pausa na correria diária. Não sei como designaria aquilo nos tempos atuais. Talvez se pudesse descrever como uma forma de criar amarras.

Gosto disso: criar amarras.

Sim. Aquele foi o meu melhor ano.

Onde esteve?

Nos Fiordes do Oeste. Em Ísafjörður. Já esteve lá?

Não, julgo que não. Pelo menos, que me lembre.

Ora aí é que está. Nós nem sempre nos lembramos. Talvez tivesse ido lá quando era muito pequena. Seja como for, acredite em mim quando lhe digo que aquela paisagem tem uma beleza fora do

comum, como se se situasse entre a terra e o céu. Devia fazer uma visita para conhecer o sítio pessoalmente. Já não vou lá ao que parece uma eternidade.

Dizia-me que estive a lecionar ali...

Sim, na escola. Ninguém se lembraria disso hoje; já passaram muitos anos. Apareci ali de repente, fiz o meu trabalho, desfrutei da cidade, das montanhas, do mar, tomei o pulso à energia dos habitantes locais, e depois limitei-me... bom...

[pausa]

A desaparecer outra vez... Por vezes, isso também é importante, ter a capacidade de começar de novo. Desaparecer como por magia e reaparecer noutra sítio qualquer. No meu caso, eu limitei-me a regressar, encontrei um novo rumo na vida e formei-me como professora. Na altura, achava que a vida era assim. Mas, por outro lado, a vida são muitas coisas. Ela não é apenas um caminho, uma vertente, mas uma série de coincidências, de sentimentos. E então, comecei a escrever por casualidade. De uma forma espontânea, na verdade; primeiro, secretamente, sem contar sequer aos amigos. Desfiz-me daquele primeiro manuscrito, rasguei-o e deitei-o no caixote do lixo, e depois comecei de novo. Conte a mesma história, porém, de um ponto de vista diferente, constatando então que todos têm o seu segredo, algo que jamais será contado. Assim que percebi isso, vi que era fácil escrever aqueles dez livros.

[pausa]

Sabe, às vezes penso que a vida não passa de um grande romance policial.

[silvo]

1965

— Não, não estamos a brincar. Eu não estou, pelo menos: falo muito a sério. Para mim, esta não é uma boa ideia, é uma ideia fantástica. Sem envolver riscos, praticamente.

Pousou a caneca com um baque, para enfatizar, como se acrescentasse um ponto de exclamação. O café que preparara para as visitas estava demasiado forte, se bem que um café forte talvez fosse aquilo de que precisavam para se animarem.

— Estás a falar de um assalto a um banco!

— Quando o dizes dessa maneira até soa mal, mas eu já analisei isto sob todos os ângulos. Repara, eu vou àquela dependência muitas vezes e ela fica a uma grande distância da esquadra de polícia mais próxima, não têm um segurança e muitas grandes empresas têm ali as suas contas, o que corresponde à entrada de somas avultadas com regularidade. Escolhemos uma hora de pouco movimento, logo pela manhã, evitamos os primeiros dias do mês e vai ser canja, pessoal... vai ser canja.

— E como te parece que o vão conseguir fazer? É que a minha participação nisso está completamente fora de questão; nem penses que me vais convencer a juntar-me aos dois. Não quero passar o resto dos meus dias na prisão.

— Acho que vamos precisar de uma arma; eu consigo arranjar uma. A minha família tem uma espingarda de caça. Julgo que ninguém desconfia que eu sei da sua existência. Mais tarde, eu volto a colocá-la no mesmo sítio, discretamente. Está num anexo da nossa casa de férias; pertence ao meu tio, mas há anos que ele desistiu de a usar. O plano é completamente infalível.

— Ok, eu fico com a espingarda e vou na retaguarda. A conversa é contigo. Aposto que isto vai correr às mil maravilhas.

— Mas o que estão vocês a dizer? Só podem estar a gozar comigo, não é?

— Estamos a falar de muito dinheiro. Íamos levar anos a reunir uma quantia destas. Precisamos apenas de coragem e de meio dia de trabalho, e depois ficamos com as nossas vidas resolvidas; nunca mais teremos problemas de dinheiro, e...

— Por amor de Deus, não é o dinheiro que importa, pelo menos, no grande esquema das coisas.

— Não vamos fazer isto só pelo dinheiro. Fazemo-lo para mostrar a nós próprios aquilo de que somos capazes. Para sentir que estamos... ah, não sei... que estamos vivos. Só se vive uma vez.

2012

Quinta-feira, 1 de novembro

Talvez ela se tenha perdido num dos seus próprios livros.

A piada de mau gosto de Magnús deixava Helgi irritado.

Havia momentos em que sentia ativamente uma aversão pelo chefe, embora tentasse dissimular o facto. Os dois tinham pouco em comum e era improvável que os seus caminhos se tivessem cruzado não fosse o destino ditar que eles deviam trabalhar juntos. Helgi estaria disposto a apostar que Magnús jamais lera um único livro de Elín S. Jónsdóttir, mesmo sendo difícil encontrar alguém na Islândia que não o tivesse feito. Por outro lado, era provável que Magnús não lesse outra coisa senão relatórios policiais. E, por esse motivo, aquela investigação, quer ela redundasse ou não num caso criminal, estaria em melhores mãos com o próprio Helgi.

Trouxera consigo dois livros da loja, antes de fechar a porta atrás de si.

Um deles era *Perigo na Casa do Fundo*, de Agatha Christie, sobretudo para impedir que alguém o comprasse, apesar de ser improvável que tal viesse a acontecer. Helgi não suportava a ideia de um tesouro tão raro ir parar às mãos erradas. Ninguém o apreciaria como ele.

O segundo título, encontrado após uma curta busca, era um exemplar do primeiro romance de Elín S. Jónsdóttir; a primeira

edição da primeira impressão. Isso tornava-o uma raridade, mesmo que os valores das primeiras edições na Islândia estivessem muito aquém dos alcançados pelos livros raros no estrangeiro.

Helgi tencionava passar os olhos pelo livro e, possivelmente, ler os capítulos iniciais durante a breve viagem de regresso a Reiquiavique, aproveitando a ocasião para tomar o pulso à autora. Afinal, fazia sentido que os escritores revelassem algo sobre si próprios nas suas páginas, deliberada ou inconscientemente, ainda que essa descoberta implicasse necessariamente fazer uma leitura nas entrelinhas. É claro que ele não esperava que este livro em particular lhe fizesse grandes revelações sobre a escritora desaparecida, no entanto, a sua leitura dar-lhe-ia um propósito, sendo preferível a passar o tempo ocioso.

Deu um salto a casa para fazer a mala e despedir-se da mãe, explicando-lhe que o dever o chamava. Ela não se mostrou aborrecida; pelo contrário, pareceu ficar satisfeita por dispor de alguma autonomia a seguir à operação. Como medida de precaução, no entanto, Helgi deixou-lhe as chaves do novo apartamento que arrendara em Reiquiavique. Achava que a mãe devia ter uma chave na eventualidade de acontecer alguma coisa. Agora que pensava nisso, era provável que ela ainda tivesse as chaves da antiga casa, onde Bergthóra continuava a viver sozinha.

Ocorreu-lhe que talvez tivesse vindo para o Norte mais por si próprio que pela mãe, para saborear o aroma dos livros na velha livraria e — quem sabe? — até passar alguns dias sem Aníta, beneficiando de algum distanciamento que o ajudaria a descobrir o que sentia em relação àquele novo relacionamento.

Tivera hesitações em assumir um compromisso, tendo em conta a má experiência com Bergthóra, e precisava de lembrar a si próprio constantemente que as duas mulheres não podiam ser mais diferentes. Que não havia ninguém que se pudesse comparar com Bergthóra.

Numa noite de inverno, a autora bestseller de livros policiais, Elín S. Jónsdóttir, desaparece.

Não há quaisquer pistas sobre o seu desaparecimento, e cabe ao jovem inspetor Helgi Reykdal desvendar o caso antes que este chegue às mãos da imprensa.

Ao entrevistar as pessoas que lhe são mais próximas – uma editora, um contabilista, uma juíza reformada – percebe que a vida de Elín não era o que parecia. Na verdade, o seu passado é ainda mais estranho do que a sua ficção.

À medida que o caso da escritora de policiais desaparecida se torna mais misterioso a cada hora que passa, Helgi tem de descobrir os segredos inesperados de uma vida, antes que seja tarde demais...

O novo livro do «melhor escritor de policiais do mundo neste momento» (*The Times*), que acompanha Helgi Reykdal numa investigação policial de contornos surpreendentes, é uma homenagem perfeita à idade de ouro do romance policial.

Do mesmo autor:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-596-503-8



9 789895 965038